

Perspectiva e epistemologia feminista no método de pesquisa sobre capas de jornais

Feminist perspective and epistemology in the research method on newspaper covers

Adriana Silvestrini

RESUMO

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia de análises de capas de jornais utilizada na pesquisa de mestrado *Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: enquadramentos de gênero e política nas imagens e manchetes nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Clarín*.¹ A finalidade principal foi investigar e analisar o enquadramento de gênero e de política que os jornais brasileiro e argentino deram às manchetes e imagens nas capas relacionadas às Presidentas Dilma Rousseff no Brasil e Cristina Kirchner na Argentina. Os elementos, textual e visual, da capa são analisados por meio das metodologias de Análise de Discurso (linha francesa) e o enquadramento de mídia com base no pensamento da filósofa Judith Butler. A pesquisa se situa a partir de uma perspectiva e epistemologia feminista, a qual considera importante a representatividade de mulheres nas esferas mais altas do poder do Estado. De acordo com o recorte temporal estabelecido, foram coletadas e observadas 154 capas dos jornais dos dois países. Os critérios para selecionar as capas analisadas foram: imagem da Presidenta, citações na manchete e/

1 Este capítulo tem como base a pesquisa de dissertação de mestrado *Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: enquadramentos de gênero e política nas imagens e manchetes nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Clarín*, que teve financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação no período de 2020 a 2022.

ou na legenda da fotografia. As palavras válidas na manchete e/ou na legenda foram: nome completo, primeiro nome, sobrenome de cada governante ou as palavras “Presidenta”, “Presidente” e “Presidência”. Com base nesses critérios chegou-se ao corpus definitivo de 60 capas, apresentadas e analisadas na dissertação.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia feminista; Capas de jornais; Dilma Rousseff. Cristina Kirchner; Gênero.

ABSTRACT

This chapter aims to present the methodology for analyzing newspaper covers used in the master’s research “Presidents Dilma Rousseff and Cristina Kirchner: gender and political framing in images and headlines on the covers of the newspapers *Folha de S. Paulo* and *Clarín*.” The main purpose was to investigate and analyze the gender and political framing that Brazilian and Argentine newspapers gave to the headlines and images on the covers related to Presidents Dilma Rousseff in Brazil and Cristina Kirchner in Argentina. The textual and visual elements of the cover are analyzed using the methodologies of Discourse Analysis (French line) and media framing based on the thinking of philosopher Judith Butler. The research is situated from a feminist perspective and epistemology, which considers the importance of the representation of women in the highest spheres of state power. According to the established time frame, 154 covers of newspapers from both countries were collected and observed. The criteria for selecting the covers analyzed were: image of the President, quotes in the headline and/or in the caption of the photograph. The valid words in the headline and/or caption were: full name, first name, surname of each ruler or the words “President,” “President” and “Presidency.” Based on these criteria, the definitive corpus of 60 covers was reached, presented and analyzed in the dissertation.

KEYWORDS: Feminist epistemology; Newspaper covers; Dilma Rousseff; Cristina Kirchner; Gender.

INTRODUÇÃO

Quando decidi pesquisar e analisar o modo como os jornais *Folha de S. Paulo* e *Clarín* retrataram e enquadraram as notícias sobre as Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, durante um perí-

odo determinado, constatee que poucos estudos haviam sido feitos, até aquele momento, com o mesmo objetivo da minha pesquisa (Santos, A., 2022). Também percebi que não existia uma metodologia única ou específica para dar conta de uma investigação mais minuciosa sobre as manchetes, as fotos e as legendas estampadas em cada capa. A partir dessa informação, considerei que a pesquisa de dissertação seria ainda mais interessante por mostrar possibilidades de junções de metodologia de análise. Desse modo, a metodologia proposta foi surgindo a partir do cruzamento de algumas metodologias, que talvez, nunca tenham se relacionado, como é o exemplo da análise de enquadramento feita a partir de conceitos da filósofa Judith Butler (2020). Neste capítulo, mostro os caminhos que percorri tentando compreender como mulheres ocupantes de cargos políticos são vistas, retratadas e enquadradas pelo jornal, o veículo de comunicação escolhido para a pesquisa. Para iniciar a jornada, voltei ao século XIX.

Há apenas 131 anos as mulheres começaram a participar, na prática e oficialmente, das decisões políticas. Em 1893, a Nova Zelândia² foi o primeiro país que permitiu às mulheres irem às urnas, enquanto os homens já escolhiam entre si os comandantes das nações. Nas últimas décadas do século XIX, as europeias e as estadunidenses encabeçaram a luta pela igualdade na participação política por meio do movimento sufragista. Para Rosa Luxemburgo (2020 [1904]), o movimento feminista, no sentido de busca pela igualdade política entre mulheres e homens começou, sobretudo, na América. Em artigo intitulado “Senhoras e mulheres”, publicado no jornal polonês *Gazeta Ludowa* em 1904, a líder socialista comenta que “isso foi no tempo em que a escravidão dominava nos estados do sul da América, de modo que as mulheres americanas que lutavam por seus direitos juntavam sua causa com a causa da libertação dos escravos [...]” (Luxemburgo, 2020 [1904], p. 1)

2 Cf. W. Santos (2002, p. 297-303).

Em 1929, o Equador foi o primeiro país latino-americano a permitir o voto feminino. Na sequência vieram Brasil (1932), Argentina (1947), Chile (1949) e Costa Rica (1949) entre outros. Em 1967, o Paraguai foi a última nação da região a incluir as mulheres no eleitorado. O caso mais tardio em todo o mundo até o presente momento é a Arábia Saudita quando só recentemente, em 2015, as mulheres conquistaram esse direito.

Mas, até que ponto a América Latina foi considerada parte do Ocidente ou das conhecidas Ondas Feministas³ discutidas por pensadoras europeias e estadunidenses? De acordo com as feministas “subalternas” (Ballestrin, 2020), o feminismo, considerado universal, não as contemplava em suas diversas reivindicações. Elas começaram a questionar quem eram, quais papéis desempenhavam na sociedade e para onde e com quem queriam continuar a caminhada na luta por vários direitos. Com esse novo movimento das mulheres excluídas, surgiram “os feminismos”, no plural, e a certeza de que não existe uma visão única e tradicional das histórias das mulheres. Ballestrin (2020, p. 4), expõe, então, o problema do universalismo no feminismo ocidental:

O feminismo hegemônico, dessa forma, passou a ser exposto em seu universalismo, etnocentrismo, (neo) liberalismo, anglo-eurocentrismo, branqueamento e pela negligência de questões coloniais e raciais que atravessam etnias, nacionalidades e geografias. Passou, também, a ser retratado como um feminismo do Primeiro Mundo ou Norte Global, muito pouco sensível às questões das “outras” mulheres do feminismo. Nesta disputa discursiva, simplificações, generalizações e não diferenciações em termos de identidade, representação e interesse acabaram por surgir.

3 ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Enciclopédia Mulheres na Filosofia**, [s.d]. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

Antes mesmo da russa Khertek Amyrbitovna Anchimaa-Toka governar Tuva – que atualmente é uma república da federação russa – de 1940 a 1944 e se tornar a primeira mulher Presidenta de um país no mundo,⁴ uma mulher latino-americana se candidatou à Presidência de sua nação. Nos anos 1930, quando as mulheres ainda não tinham conquistado o direito de votar em El Salvador – o que só ocorreria 20 anos mais tarde, em 1950 – Prudencia Ayala,⁵ filha de um indígena mexicano e uma indígena salvadorenha, tornou-se autodidata, encarou os preconceitos e mirou no cargo político mais alto. Na ocasião, a população de El Salvador não estava preparada para a coragem de Prudencia Ayala, que teve sua candidatura repudiada pela maioria das pessoas.

Nesse caso, além da mulher considerada subalterna não ter sido ouvida, permaneceu silenciada historicamente por um longo tempo (Spivak, 2010 [1985]). Mas foi de novo na América Latina – região colonizada e ao mesmo tempo resistente em relação aos velhos e aos novos colonizadores – onde surgiu a segunda mulher que se tornaria Presidenta de uma nação a nível global. A argentina María Estela Martínez, conhecida como Isabel ou Isabelita Perón, assumiu a presidência da Argentina de 1974 a 1976 após a morte de seu marido Juan Domingo Perón. Isabel Perón era vice de Perón e governou até ser deposta⁶ por um golpe militar comandado pelo general Jorge Rafael Videla.

Historicamente ela se tornou a segunda Presidenta no mundo e a primeira na América Latina, 34 anos depois do mandato de Khertek Amyrbitovna Anchimaa-Toka, no território russo. No total, até os dias

4 Cf. Alexander, Bolzendahl e Jalalzai (2017, p. 1-25).

5 O perfil de Prudencia Ayala (1885-1936) descrito aqui faz parte da reportagem “Esquecidas pela história na América”, por Lorena Arroyo publicada no *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2021-03-08/prudencia-ayala-a-primeira-mulher-que-tentou-ser-presidenta-na-america-latina.html>. Acesso em: 3 ago. 2021.

6 No governo de Isabel Perón, o ministro José López Rega criou a Aliança Anticomunista Argentina, também conhecida como *Triple A* com o objetivo de perseguir e assassinar membros da esquerda peronista (Quesada, 2003).

de hoje, a América Latina já teve 15 Presidentas. Entre os 21 países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela) que pertencem ao bloco, 13 já foram governados por mulheres eleitas ou interinas. Nesse cenário, somente a Argentina e a Bolívia tiveram duas mulheres ocupando o cargo de chefes de Estado, os outros países tiveram apenas uma.

MISOGINIA NA POLÍTICA DO SUL GLOBAL

As mulheres que ocuparam e ocupam quaisquer cargos políticos tiveram, e ainda têm, de conviver com comentários e atos misóginos. Os ataques vêm de todos os lados da sociedade: dos pares políticos, dos eleitores e da mídia hegemônica. Em 2021, Manuela d'Ávila – ex-vereadora, ex-deputada e candidata à vice-presidência do Brasil em 2018 na chapa Partido dos Trabalhadores (PT)/Partido Comunista do Brasil (PCdoB) – organizou uma coletânea de textos escritos por 15 mulheres, incluindo ela mesma, que compartilharam suas duras experiências como representantes eleitas para um cargo político no Brasil.

No livro *Sempre Foi Sobre Nós – Relatos da violência política de gênero no Brasil* (d'Ávila, 2021), o prefácio é assinado por Anielle Franco, Ministra da Igualdade Racial do Brasil do terceiro Governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, eleito em 2022. Ela é também irmã da vereadora Marielle Franco do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), assassinada no dia 14 de março de 2018 na cidade do Rio de Janeiro, quando voltava de um debate sobre a ascensão social de mulheres negras. Anderson Gomes, motorista de Marielle, também foi vítima de tal brutalidade. Após seis anos dos crimes cometidos, em 31 de outubro de 2024 os assassinos Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz foram condenados, respectivamente a 78 anos, 9 meses e 30 dias e a 59 anos, 8 meses e 10 dias de prisão. O livro traz também depoimentos de Dilma

Rousseff (2021) sobre a perseguição que sofreu pela mídia misógina durante os seus dois mandatos como Presidenta⁷ do Brasil.

Governar o Brasil de 2010 a 2014, em seu primeiro mandato, não foi uma tarefa nada fácil, por muitas vezes, a mídia e a sociedade foram desagradáveis e desrespeitosas com a imagem de Dilma Rousseff. Em 2013, na ocasião da abertura da Copa das Confederações e depois em 2014, na abertura da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, Dilma Rousseff foi xingada e ofendida diante de estádios lotados.

A violência sexista política⁸ estava em curso. Não foi diferente nos outros meses de 2014, quando Dilma Rousseff ainda atuava no último ano de seu primeiro mandato e já estava em campanha eleitoral para sua reeleição, para comandar o Brasil por mais quatro anos. Memes, charges, capas de jornais e revistas e adesivos de apelo sexual que incitavam o crime de estupro ilustram a violência que ajudou a expulsar Dilma da presidência (Matos, 2020).

Antes e depois daquela Copa do Mundo, a violência política sexista tem marcado presença no Brasil. Dilma Rousseff foi um dos alvos preferidos das(os) ofensoras(es) desde a época em que ganhou notoriedade como ministra de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e, principalmente, nos seus dois mandatos como Presidenta do Brasil (2010-2014 e 2014-2016).

POR QUE AS PRESIDENTAS DILMA ROUSSEFF E CRISTINA KIRCHNER?

A minha indignação sobre a misoginia sofrida por Dilma Rousseff despertou o desejo de realizar uma pesquisa de mestrado. Depois

7 Esta pesquisa utiliza o termo Presidenta. O *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis* (2025) informa que: Presidenta é o feminino de Presidente; mulher que é chefe de governo de um país de regime presidencialista; mulher que exerce o cargo de presidente de uma instituição; mulher que preside algo. Neste capítulo, as nomenclaturas Presidenta(s) ou Presidente(s) sempre serão grafadas em letra maiúscula como sugere a relevância do cargo.

8 O termo violência política sexista foi cunhado por Marlise Matos (2020, p. 117).

dela, as investigações desenvolvidas durante o estudo me levaram à Presidenta argentina Cristina Kirchner, que também era alvo constante de ataques sexistas. Após dois anos observando e analisando 154 capas de jornal, a pesquisa *Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: enquadramentos de gênero e política nas imagens e manchetes nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e Clarín* ficou pronta.⁹

Aqui começo a compartilhar como desenvolvi a metodologia de análise das capas dos jornais. Julgo importante sinalizar que, como pesquisadora, parto de um saber localizado (Haraway, 2009) territorial, social e político. A pesquisa se situa, portanto, a partir de uma perspectiva e epistemologia feminista, a qual considera importante a representatividade de mulheres nas esferas mais altas do poder do Estado. A investigação e as análises têm como objetivo identificar como a presença das mulheres na política é enquadrada pelos jornais mais relevantes dos países sul-americanos Brasil e Argentina.

Defini como objetivo principal da dissertação analisar o enquadramento de gênero e de política que os jornais *Folha de S.Paulo* e *Clarín* deram às manchetes, fotografias e legendas referentes às Presidentas sul-americanas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, durante seus mandatos, nas capas dos diários brasileiro e argentino. As manchetes e as fotografias das capas são analisadas por meio das metodologias de Análise de Discurso de linha francesa e o enquadramento de mídia com base no pensamento da filósofa estadunidense Judith Butler (2020). De modo breve, apresento as personagens centrais da minha investigação: Dilma Rousseff e Cristina Kirchner.

Filha do imigrante búlgaro Pedro Rousseff e da fluminense Dilma Jane Coimbra da Silva, Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947 na capital mineira Belo Horizonte. Em 2010 foi eleita e em

9 A pesquisa foi apresentada e defendida por mim em 28 de abril de 2022 para uma banca de professoras doutoras examinadoras no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural.

2014, reeleita Presidenta do Brasil, concorrendo ao cargo como candidata do Partido dos Trabalhadores (PT). Das chamadas “Jornadas de Junho de 2013”¹⁰ até o dia 31 de agosto de 2016, quando se concretizou o golpe parlamentar,¹¹ que afastou definitivamente Dilma Rousseff da Presidência da República em seu segundo mandato, a misoginia dominou as manifestações populares com apoio, mesmo que por vezes velado, da mídia hegemônica. Ela foi a primeira e, até esse momento, única mulher a governar o Brasil. Atualmente, aos 77 anos, Dilma Rousseff é a Presidenta do Novo Banco de Desenvolvimento, conhecido como Banco dos BRICS.¹²

No país vizinho, aos 54 anos, Cristina Fernández de Kirchner foi a primeira Presidenta mulher eleita na história argentina. Quatro anos mais tarde, ela se reelegeu para o cargo com 54,11% dos votos. Em suas duas eleições, Cristina Kirchner representou o partido político Frente para la Victoria (FPV), criado em 2003 a partir de uma coalizão política argentina de orientação peronista.

Em 2019, com Alberto Fernández eleito Presidente da Argentina, Cristina Kirchner se elegeu como vice-presidente da Argentina. Deste

10 As Jornadas de Junho de 2013 ganharam esse nome porque começaram no mês de junho de 2013 como manifestações de rua, a princípio, com uma pauta definida: o aumento da tarifa de transporte público na cidade de São Paulo. Logo no início dos protestos, as manifestações se espalharam por todo o território nacional, aderindo a diversas e diferentes frentes de luta. Essas manifestações perduraram até outubro do mesmo ano (Gondim, 2016). Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/11944> e <https://www.sinteseeventos.com/site/iassc/GT1/GT1-13-Marcos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

11 Dilma Rousseff foi acusada de praticar uma manobra contábil, conhecida como “pedaladas fiscais”, e após investigação não houve comprovação de enriquecimento ilícito ou aproveitamento do cargo em benefício próprio. Ficou evidente que o processo de impeachment se tratava de uma decisão política: a derrubada da Presidenta. Marlise Matos (2016, p. 220) defende o posicionamento de que o impeachment não passou de golpe em pelo menos três grandes vertentes: “Foi um golpe parlamentar; foi um golpe jurídico e constitucional e também foi um golpe midiático”. Para corroborar esse posicionamento apontado aqui de que o impeachment foi na realidade um golpe parlamentar, também me baseio nas referências e argumentos das(os) 35 autoras(es) que escreveram o livro *Por que gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil* (Jinkings et al., 2016).

12 BRICS é um acrônimo para referir-se ao grupo de economias emergentes que é constituído por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

modo, ela se tornou a primeira e única cidadã argentina a ser eleita para todos os cargos federais de seu país: deputada, senadora, vice-presidente e presidente. Em 1º de setembro de 2022, ela sofreu uma tentativa de assassinato ao entrar em seu carro, diante de um grupo de simpatizantes, em uma rua movimentada de Buenos Aires, capital da Argentina. O brasileiro Fernando André Sabag Montiel atirou à queima-roupa nela com uma pistola carregada com cinco balas, os disparos falharam e ele foi detido pela polícia no local.

Dois anos depois, no dia 13 de novembro de 2024, o tribunal argentino manteve a sentença de seis anos de prisão e inabilitação perpétua para concorrer a cargos públicos contra Cristina Kirchner. Ela estava inserida no caso que investigou esquema de desvio de dinheiro público e favorecimento de um empresário de Santa Cruz, ao sul do país. No dia 10 de junho de 2025, a Suprema Corte da Argentina confirmou a condenação da ex-Presidenta. No dia 17 de junho de 2025, Cristina Kirchner, aos 72 anos, começou a cumprir sua pena em prisão domiciliar.

JORNAL COMO OBJETO DE PESQUISA

O jornal é considerado a mídia mais antiga do mundo.¹³ Do modo como é conhecido atualmente – impresso e com circulação periódica e pública – o jornal existe desde o século XVII. Porém, foi somente a partir da segunda metade do século XX que o jornal se tornou objeto de estudo em seus aspectos materiais e intelectuais. No Brasil, a partir da década de 1970, essa materialidade se tornou objeto da pesquisa histórica. No capítulo “História dos, nos e por meio dos periódicos” da obra *Fontes Históricas*, Tânia Regina de Luca (2008, p. 128) apresen-

13 De acordo com dados publicados pela Associação Nacional de Jornais (AJN), as notícias já circulavam em Roma de 59 A.C. com a *Acta Diurna*, por meio da qual o imperador Júlio César publicava os acontecimentos sociais e políticos da cidade. As *actas* eram escritas em grandes placas brancas e expostas em lugares públicos populares. Bem depois, surgiram os boletins manuscritos chineses do século VIII. A técnica de impressão com tipos móveis, conhecida como prensa, foi criada por Johannes Gutenberg em meados do século XV e estimulou a circulação de panfletos noticiosos por toda a Europa.

ta o histórico da concepção historiográfica acerca dos periódicos como fonte, presentemente valorizados pela História imediata e o retorno da História política: “As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder”.

O jornal é, ao mesmo tempo, fonte e índice de capital político, no sentido de que a visibilidade, em especial a positiva, compõe o capital político. Cada jornal – que faz parte de uma empresa de comunicação – possui suas regras, entre elas sua linha editorial, definindo assim o que é noticioso e quem compõe a notícia. Desse modo, os periódicos podem ser vistos também como atores, isto é, ativos em como se constituem as representações da política e como incidem em trajetórias de agendas e de atores políticos coletivos e individuais: “A influência da mídia na ação política vai muito além dos processos eleitorais. [...] E a visibilidade midiática é um componente importante na produção do capital político” (Miguel; Biroli, 2011, p. 125).

A mídia escrita, neste estudo, é tratada como fonte de pesquisa, abordando principalmente os jornais como documentos de análise. O corpus da pesquisa é formado pelas capas dos diários *Folha de S.Paulo* e *Clarín*, considerados os jornais de maior circulação nacional no Brasil e na Argentina, respectivamente. Ao se utilizar de jornais como documentos analíticos é relevante conhecer a linha editorial do meio de comunicação porque, muitas vezes, a proposta do periódico, enquanto valores e princípios, pode influenciar diretamente a maneira como as Presidentas serão noticiadas na capa. Por isso, os meios de comunicação além de serem fontes de pesquisa, também são índices de capital político, definindo o que é notícia na editoria de política, quem faz parte dela e de que modo a personagem é visibilizada (Miguel; Biroli, 2011).

RECORTE DO CORPUS DA PESQUISA

Para estabelecer o corpus da pesquisa, foram observadas, a princípio, 154 capas dos jornais brasileiro e argentino. Na pesquisa, a capa foi definida como objeto de estudo, já que é a primeira página que o leitor observa e que, na sequência, pode aproximá-lo ou afastá-lo de uma leitura mais detalhada do restante da capa e também das outras páginas do periódico. Diante dos elementos textuais (manchete e legenda) e fotográficos, o estudo tem como foco analisar os enquadramentos de gênero e política dados às duas Presidentas.

A pesquisa apresenta dois recortes específicos de investigação. O primeiro deles mostra as capas das coberturas jornalísticas dos dias das vitórias nas eleições presidenciais e das cerimônias de posse das Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner. Ou seja, são 8 capas no total, já que ambas governantes conquistaram dois mandatos cada uma delas. O segundo recorte da pesquisa é temporal e abarca as capas dos 10 primeiros dias e dos 10 últimos dias de ambos mandatos das duas Presidentas, totalizando 80 capas. No caso da Presidenta Dilma Rousseff, os últimos 10 dias de seu segundo mandato correspondem à data anterior ao dia 12 de maio de 2016, quando o Senado Federal votou pelo afastamento dela do cargo após a abertura do processo do impeachment. De acordo com os números apontados, são 44 capas da *Folha de S.Paulo* com foco em Dilma Rousseff e 44 capas do jornal *Clarín* com foco em Cristina Kirchner. Um total geral de 88 capas.

CATEGORIAS GÊNERO E POLÍTICA

A pesquisa discute sobre as mulheres Presidentas nas capas dos jornais, portanto, gênero e política são as categorias observadas e analisadas nas manchetes e fotografias em cada material selecionado. Joan Scott (1994) pensa gênero abordando as relações que afetam mulheres e homens. A historiadora define gênero em duas partes: a primeira aponta que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e a se-

gunda de que o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1994, p. 21). A autora cita exemplos ligados à política e ao poder por duas razões:

Primeiro, porque se trata de um território praticamente inexplorado, já que o gênero foi percebido como uma categoria antitética aos negócios sérios da verdadeira política. Depois, porque a história política – que ainda é o modo dominante da interrogação histórica – foi o bastião de resistência à inclusão de materiais ou de questões sobre as mulheres e o gênero (Scott, 1994, p. 24).

Portanto, para pensar sobre a questão de gênero na forma como as Presidentas são retratadas nas capas dos jornais, é necessário compará-las com os homens nas mesmas condições. Meu estudo faz, então, uma análise adicional, ou seja, uma comparação entre as capas das Presidentas Cristina Kirchner e Dilma Rousseff com as capas dos Presidentes Néstor Kirchner e Luís Inácio Lula da Silva, seus respectivos antecessores. A metodologia comparativa abarca os homens do mesmo espectro político, na mesma situação temporal e utilizando os mesmos jornais brasileiro e argentino. A pergunta da pesquisa sobre elas também serve para eles: como eles foram enquadrados, noticiados nas manchetes e imagens nas capas dos jornais?

De acordo com o recorte empírico, somam-se 154 capas. Destas, 140 são referentes aos 10 primeiros dias e 10 últimos dias de governo das duas Presidentas e dos dois Presidentes, além das outras 14 capas que noticiaram as vitórias e as cerimônias de posses delas e deles. A metodologia de pesquisa em comunicação denominada Teoria Fundamentada (TF) defende que a coleta e a análise de dados são processos inter-relacionados, ou seja, começam juntos: “A análise começa assim que o primeiro fragmento de dados seja coletado” (Corbin; Strauss, 1990, p. 6, tradução nossa). Foi exatamente desse modo que se iniciou o processo de coleta de dados da pesquisa.

Durante o percurso de interpretação de dados, a TF permite a abertura da possibilidade da revisão dos autores utilizados para formulação das teorizações iniciais e de eventuais hipóteses ou problemas de pesquisa. A TF foi inicialmente proposta como método por Glaser e Strauss em seu livro *The Discovery of Grounded Theory* em 1967. Nessa direção, Amaral, Fragoso e Recuero (2011, p. 83) apresentam características fundamentais da TF:

A ideia central da TF é, justamente, aquela em que a teoria deve emergir dos dados, a partir de sua sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades. Ela prevê uma inversão no método tradicional de pesquisa, no qual o pesquisador deve ir a campo livre de suas pré-noções e, portanto, livre de hipóteses e conceitos e, apenas a partir de sua vivência empírica e do processo do método, é que deve elaborar as hipóteses e os preceitos teóricos.

Das 154 capas coletadas e observadas, foram selecionadas somente as que noticiaram as Presidentas e os Presidentes nas manchetes, nas fotografias e/ou nas legendas das imagens das capas. Os critérios elegidos para as citações válidas são: nome completo, primeiro nome ou sobrenome de cada governante. Também foram selecionadas as capas que grafaram as palavras “Presidenta”, “Presidente” e “Presidência”. Com base em tais critérios, chegou-se ao número de 60 capas, material definitivo para análise nesta pesquisa. O acesso às capas dos referidos jornais se deu por meio de acervo digital público das empresas detentoras das marcas *Folha de S.Paulo* e *Clarín*.

ANÁLISE DE DISCURSO

Após revisões e reflexões sobre os possíveis métodos que poderiam ser aplicados na pesquisa, os escolhidos foram a Análise de Discurso de linha francesa e o enquadramento com base na observação filosó-

fica de Judith Butler (2020). A escolha do uso da Análise de Discurso como método de pesquisa tem algumas justificativas. Segundo Elvira Narvaja de Arnoux (2006), a Análise de Discurso deve se situar também como campo interdisciplinar, portanto não se trata de uma análise feita por linguistas para linguistas. Ela vai além da linguística e pode ser aplicada em várias áreas, principalmente nos meios de comunicação. Conforme a autora (Narvaja de Arnoux, 2006, p. 15): “Deve destacar-se que a Análise de Discurso tem atendido particularmente as problemáticas de racismo, das avaliações de gênero e dos fenômenos de exclusão em relação com minorias de distinto tipo”. A linguista argentina afirma que a Análise de Discurso também segue uma linha de epistemologia mais interpretativa, recorrendo a uma ou mais disciplinas linguísticas e não linguísticas.

Desviar o olhar da notícia para encontrar na mesma uma outra significação, ou seja, enxergar para além das evidências, foi o exercício feito na pesquisa ao examinar cada manchete e cada imagem das capas dos jornais. Eni Puccinelli Orlandi (2007a, p. 17) explica que a “análise de discurso considera que a linguagem não é transparente” e por isso a questão colocada diante de uma notícia, por exemplo, deve ser: “como este texto significa?”.

É importante ressaltar que a pesquisa não se propõe a realizar uma análise de discurso como uma sequência linguística fechada (Orlandi, 2019), a intenção é utilizá-la como um recurso interpretativo para lidar com as categorias de gênero e de política nos enquadramentos presentes nas capas dos jornais que noticiaram sobre as Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner. O enquadramento constitui um processo que é discursivo. Esse discurso jornalístico (van Dijk, 1990) é composto ao mesmo tempo por imagens e palavras, que podem ser analisadas com distanciamento, ou seja, o exercício proposto no estudo de enquadrar o enquadramento.

De acordo com Orlandi (2007a, p. 59), a análise de discurso “não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”. Trata-se de uma das ferramentas para estudar objetos do campo da Comunicação, neste caso, do jornalismo impresso. Para a linguista, a definição de discurso vai além do esquema elementar da comunicação no qual “o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade – o referente” (Orlandi, 2007a, p. 21).

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que o primeiro fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso (Orlandi, 2007a, p. 21).

Como vimos, as palavras e as imagens são os elementos fundamentais na análise deste corpus. Como afirma Orlandi (2007b, p. 62), “quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra etc.”. Vilém Flusser (2009, p. 10) vai além ao dizer que “decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Em outros termos: a escrita é metacódigo da imagem”.

Observar e discutir sobre os textos e as fotografias na capa de um jornal corroboram a defesa de Nelson Traquina (2005, p. 46) quando aponta que o jornalismo é também uma prática discursiva:

Ao longo da história, os jornalistas desenvolveram uma maneira própria de falar, isto é, uma linguagem – o jornalês. Uma das características principais desta fala, desta escrita, é a sua qualidade de ser compreensível. Os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para além de ser compreensível, o discurso jornalístico é um discurso que deve provocar o desejo, o desejo de ser lido/ouvido/visto.

FOTOJORNALISMO

No jornalismo, o texto e a imagem se completam. Pode acontecer de um ser mais determinante do que o outro em algum momento, mas ambos desempenham papel importante na hora de comunicar a mensagem ao receptor. É o que se percebe, por exemplo, nas análises das capas da *Folha de S.Paulo* e do *Clarín*. Tanto a manchete quanto a fotografia transmitem informações que se tornam notícias.

Para Roland Barthes (1986 [1961]), a fotografia de imprensa é o centro da mensagem, apesar de essa necessitar de outras partes para seu sentido ser constituído. As partes que formam o conjunto da mensagem são: uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor. Barthes (1986 [1961], p. 11) explica assim:

A fonte emissora é o grupo de técnicos que formam a Redação do jornal: uns fazem as fotos, outros escolhem uma em particular, a compõem, a tratam, e outros enfim a intitulam, colocam uma legenda para ela e a comentam. O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou, mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes que têm a foto como centro, mas cujo entorno está constituído pelo texto, o título, a legenda, a paginação, e, de maneira mais abstrata mas não menos

“informativa”, pelo próprio nome do jornal (pois este nome constitui um saber que pode pesar fortemente na leitura da mensagem propriamente dita: uma foto pode mudar de sentido ao passar de *l'Aurore* para *l'Humanité*).¹⁴

Para o fotógrafo e historiador brasileiro Boris Kossoy (2012, p. 30): “é a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”. Ao observar as fotografias nas capas da *Folha de S.Paulo* e do *Clarín*, é possível confirmar o que mencionou Kossoy. Ele vai além em sua análise, talvez, justamente por ser fotógrafo. Ao comentar sobre o significado das imagens, afirma:

A comunicação não verbal ilude e confunde. Deve-se, no entanto, “perceber na imagem o que está nas entrelinhas, assim como o fazemos em relação aos textos”, como bem colocaram Weinstein & Booth: “[...] precisamos aprender a esmiuçar as fotografias criticamente, interrogativamente e especulativamente. [...] No que uma boa fotografia desvenda para o olho e a mente compreensiva, ela falhará em desvendar para o olhar apressado”. Tal é o desafio a enfrentar. Não deixar de ousar na interpretação: esta é a tarefa (Kossoy, 2012, p. 127-128).

Como pesquisadora, seguindo a linha apresentada por Kossoy (2012), procurei olhar atentamente, sem pressa, para cada imagem com Dilma Rousseff e com Cristina Kirchner a fim de esmiuçar as entrelinhas. Como recomenda o autor, não deixei de ousar na interpretação. Contemplei as imagens com elas e não imagem delas, já que a fotografia é, de acordo com Kossoy (2012), produto final, resultante da ação do homem, ou seja, do fotógrafo. É a imagem de alguém sob a perspectiva de um outro alguém. Segundo Nöth e Santaella (2015, p.

14 Nota do tradutor: *l'Aurore*, periódico de direita e *l'Humanité*, periódico de esquerda.

107), “[...] a fotografia não só representa a realidade, como também a cria e, finalmente, é capaz de distorcer nossa imagem do mundo representado”.

“Por que se olhar uma imagem?” Jacques Aumont (1993, p. 78) fez essa pergunta e também a respondeu em seu livro *A Imagem*:

A produção de imagens jamais é gratuita e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos. Uma das primeiras respostas à nossa questão passa por outra questão: para que servem as imagens (para que queremos que elas sirvam)? É claro que, em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certos fins (de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos em geral) [...] uma das razões essenciais da produção de imagens é a que provém da vinculação da imagem em geral com o domínio do simbólico, o que faz com que ela esteja em situação de mediação entre o espectador e a realidade.

A capa do jornal é um quadro emoldurado, cujo conteúdo traz elementos como textos e imagens. É uma narrativa que tem poder, e que vai mobilizar sentidos sociais sobre política e gênero, no caso das análises da pesquisa, na direção que a linha editorial defende. Embora consideremos relevante investigar as percepções da recepção da mensagem, a pesquisa não tem o objetivo de contemplar a análise feita pelas(os) leitoras(es) sobre as referidas capas.

ENQUADRAMENTO

A pesquisa de mestrado, referência para elaboração deste capítulo, considera que a capa de um jornal constitui um enquadramento que possui elementos textuais e visuais que produzem sentidos de gênero e de política. Neste estudo, as informações escritas investigadas

são as manchetes e as legendas. As informações visuais são as fotografias. Quanto ao enquadramento de mídia, a capa do jornal – considerada como uma moldura que traz elementos no seu interior – se apresenta ao mundo seguindo regras específicas, de acordo com uma linha editorial, que podem ser lidas e interpretadas.

Na prática jornalística, um enquadramento (*framing*)¹⁵ é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer. Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos, sintagmas etc. (Rothberg, 2010, p. 55-56).

As mulheres na política estão enquadradas nessa moldura. E não são quaisquer mulheres, são Presidentas de nações. Judith Butler (2020, p. 112) propõe uma interpretação atenta da mensagem explícita ou implícita no quadro apresentado:

Podemos pensar no enquadramento, então, como algo ativo, que tanto descarta como mostra, e que faz as duas coisas ao mesmo tempo, em silêncio, sem nenhum sinal visível da operação. O que surge nessas condições é um espectador que supõe estar em uma relação visual imediata (e incontestável) com a realidade

Um dos primeiros estudiosos a conceituar o enquadramento foi o sociólogo Erving Goffman (1986). No início de seu livro *Frame Analysis—An Essay on the Organization of Experience* ele comenta que situações podem ser entendidas a partir da resposta da pergun-

15 A palavra “enquadramento” é tradução da palavra inglesa *framing*. Portanto, nessa dissertação elas são usadas como sinônimos.

ta: “O que está acontecendo aqui?” (Goffman, 1986, p. 8). Essa mesma pergunta foi feita durante esta pesquisa na observação das manchetes, legendas e fotografias nas capas dos jornais.

Judith Butler (2020) recorreu a Goffman e Jacques Derrida, além de contestar os escritos de Susan Sontag, para comentar sobre os enquadramentos da fotografia em sua obra *Quadros de Guerra*. O foco do estudo de Butler (2020) nesse livro foi discutir como o jornalismo abordou o tema da guerra e outras mazelas da vida precária por meio das imagens e textos que circularam para o público. Alguns dos exemplos no livro são as fotografias retratando a tortura na prisão de Abu Ghraib (Iraque) e os maus-tratos sofridos pelos presos em Guantánamo (prisão militar estadunidense localizada em Cuba).

A pesquisa, apresentada neste capítulo, não trata do tema da guerra, mas a investigação feita pela filósofa estadunidense inspira teoricamente o que o estudo se propôs apresentar com a análise das capas. Assim como Butler (2020) discutiu que a circulação das fotografias da tortura em Abu Ghraib e as poesias do cárcere em Guantánamo podem ajudar a produzir outros enquadramentos, principalmente a partir de um contexto das pessoas que estavam presas, desumanizadas e precarizadas; também é possível refletir de que maneira os enquadramentos articulam gênero e política nas capas dos jornais. Que tipos de quadros as equipes jornalísticas da *Folha de S.Paulo* e do *Clarín* estão produzindo, principalmente, sobre mulheres na política?

A fotografia, a manchete e a legenda estão contidas dentro da moldura que constitui uma capa da *Folha de S.Paulo* ou do *Clarín*. A pesquisa procura mostrar como os quadros desenhados pelos jornalistas apresentam versões das Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner para o(a) leitor(a) do periódico. Como pesquisadora, meu movimento é buscar “enquadrar o enquadramento”, ou seja, analisar a posição do enquadrador, neste caso, os jornais. A proposta desse tipo de observação e exercício é de Trinh T. Minh-ha (1992) e está presente

em sua obra escrita *Framer Framed*, na qual apresenta os *scripts* e os detalhes visuais, ou seja, os enquadramentos, de três filmes de sua autoria. Em sua abordagem em *Quadros de Guerra*, Judith Butler (2020, p. 23-24) recorre a Trinh T. Minh-ha para expor sobre o enquadramento:

Quando um quadro é emoldurado, diversas maneiras de intervir ou ampliar a imagem podem estar em jogo. [...] Questionar a moldura significa mostrar que ela nunca conteve de fato a cena a que se propunha ilustrar, que já havia algo de fora, que tornava o próprio sentido de dentro possível, reconhecível. A moldura nunca determinou realmente, de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos. Algo ultrapassa a moldura que atrapalha nosso senso de realidade; em outras palavras, algo acontece que não se ajusta à nossa compreensão estabelecida das coisas.

Ao observar as capas dos jornais, o movimento é semelhante ao citado por Butler (2020), isto é, ultrapassar a moldura, olhar o que está enquadrando aquele enquadramento. É um jogo de deslocamento de uma visão confortável para uma outra incômoda, a fim de analisar como as categorias de gênero e de política se articulam na constituição desse quadro produzido dentro da Redação do jornal no momento da criação e do fechamento da capa. Para este estudo, considereirei que cada capa se tornou um quadro emoldurado, no qual muitas vezes o que ficou fora do espaço delimitado da página talvez até fosse mais importante do que o que estava dentro ao alcance do olhar da(o) receptor(a). Outras vezes, a mensagem pode estar dentro do quadro, porém camuflada com um certo tipo de verniz, que pode projetar determinado aspecto do enquadramento: “Aprender a enxergar o enquadramento que nos cega para aquilo que vemos não é tarefa fácil” (Butler, 2020, p. 148).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após observar 154 capas dos jornais *Folha de S.Paulo* e *Clarín* e analisar as manchetes, as fotografias e as legendas em 60 delas, na pesquisa de mestrado, referência para elaboração deste capítulo, eu concluí que os enquadramentos de gênero e de política dados pelos periódicos às Presidentas sul-americanas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner informaram que as mulheres atuantes no campo político – principalmente quando ocupam o cargo mais alto na hierarquia de poder de uma nação – foram noticiadas como coadjuvantes em comparação com os Presidentes Néstor Kirchner e Luiz Inácio Lula da Silva, sempre presentes nas publicações investigadas.

Para os diários brasileiro e argentino, eles eram os “Presidentes” e elas eram as “eleitas”. No jornal *Folha de S.Paulo*, Dilma Rousseff recebeu, e ainda recebe, o tratamento de Presidente ao invés de Presidenta. Diante das 60 capas analisadas, principalmente quando os jornais brasileiro e argentino definem também que eles são “criadores” e elas são “criaturas”, percebe-se uma problemática na qual pode haver uma recusa em se reconhecer mulheres em posição de autoridade, enquanto autoridades investidas de poder efetivo. Ou seja, há o reconhecimento de que elas foram eleitas, mas, ao mesmo tempo, existe desconfiança quanto a elas terem poder efetivo, já que podem ser consideradas “criaturas” manipuladas pelos seus “criadores”.

Nas fotografias das capas da *Folha de S.Paulo*, raramente Dilma Rousseff apareceu sozinha porque Luiz Inácio Lula da Silva geralmente estava inserido na foto com ela ou em outra imagem compondo o quadro da capa. Já nas imagens com Lula na capa do diário, durante seus mandatos como Presidente, ele era retratado sozinho ou com outras pessoas que faziam parte da cena. Para citar alguns exemplos analisados, Lula aparece rodeado por seus eleitores no Palácio da Alvorada, em sua primeira reunião ministerial, junto à população durante suas viagens etc.

Cristina Kirchner foi a menos favorecida no quesito fotografia no *Clarín*. Das 40 capas, referentes aos 10 primeiros e 10 últimos dias dos dois mandatos da Presidenta argentina, somente três fotografias com Cristina Kirchner foram publicadas. Elas eram imagens pequenas, quase que um retrato de tamanho três por quatro, e confinadas na quinta coluna à direita do periódico argentino. Outra questão que se levanta é sobre essa invisibilidade de Cristina Kirchner no *Clarín*. Pode-se inferir que há um certo apagamento da representação do corpo feminino na política no jornal, ainda mais se tratando de Cristina Kirchner que tem uma presença muito forte, inclusive, fisicamente. Já o seu antecessor, Néstor Kirchner, que só teve um mandato como Presidente da Argentina, ou seja, menos capas para serem comparadas, foi mais fotografado que ela. No total de 20 capas, ele apareceu em cinco fotografias, também pequenas.

De modo quantitativo, as Presidentas acumularam mais capas em relação aos seus antecessores. Das 60 capas, Cristina Kirchner foi noticiada em 20 delas no *Clarín*; Dilma Rousseff em 18 capas na *Folha de S.Paulo*; Luiz Inácio Lula da Silva em 13 no diário brasileiro e Néstor Kirchner em 9 capas no periódico argentino. Segundo as análises feitas, Cristina foi citada em mais capas porque teve dois mandatos contra um de Néstor. No mesmo quesito, Dilma Rousseff ficou na frente de Lula porque a repercussão do processo de impeachment da Presidenta rendeu mais notícias na capa da *Folha de S.Paulo* do que os outros períodos do mandato dela.

De acordo com o recorte temporal da pesquisa, em um dos períodos de 10 dias a *Folha de S.Paulo* não publicou manchete, fotografia e/ou legenda sobre Dilma Rousseff. Esse mesmo procedimento ocorreu em dois períodos com Luiz Inácio Lula da Silva. A Presidenta não foi noticiada durante os 10 primeiros dias do seu segundo mandato. Com Lula, isso ocorreu durante os 10 últimos dias de seu primeiro mandato e os 10 primeiros dias de sua segunda gestão. Nessa compa-

ração, Dilma Rousseff esteve mais presente nas capas do jornal do que Luiz Inácio Lula da Silva.

Outro fato interessante captado pela investigação é sobre o período em que Dilma Rousseff foi mais noticiada na capa da *Folha de S.Paulo*. Isso ocorreu durante os 10 últimos dias antes do seu afastamento do cargo de Presidenta do Brasil. A *Folha de S.Paulo* retratou a Presidenta em sete capas, sendo que cinco delas continham fotografias da governante. Para a equipe jornalística da *Folha de S.Paulo*, Dilma Rousseff foi mais vezes considerada notícia ao ser afastada do governo do que quando governava a nação. Mas, por que será que Dilma Rousseff teve mais visibilidade justamente nesse período de saída do cargo do que enquanto governava a nação? Esse tratamento dado à única Presidenta do Brasil também pode ser entendido como recusa em reconhecer a posição de autoridade que o mandato dela trazia, como já citado anteriormente.

Os profissionais da fotografia – fotógrafos(as) e editores(as) – do diário brasileiro cumpriram o que manda o Manual de Redação da Folha de S.Paulo (1992). O valor informativo de uma imagem vale mais que a sua qualidade técnica. Ou seja, a fotografia precisa contar a história que o jornal decide contar para seu público leitor. Nesse aspecto, o diário brasileiro demonstrou a importância que a fotografia e seus profissionais têm no processo de criação de uma capa.

O mesmo não foi observado no argentino *Clarín*. Com exceção das imagens das capas das vitórias nos dois mandatos de Cristina Kirchner e na foto da cerimônia de posse em seu segundo mandato, o *Clarín* não investiu em fotografias com a Presidenta. Tanto que a imagem da cerimônia de posse do primeiro mandato da governante leva a assinatura da Presidencia de la Nación. Isso significa que a foto publicada no periódico argentino foi concedida pela equipe presidencial. Entende-se que o jornal não enviou fotógrafo para a cobertura

jornalística do evento ou, se o fotógrafo foi, o seu trabalho não foi utilizado na capa.

O material analisado mostrou que a visibilidade das Presidentas nos periódicos ficou aquém na comparação com a visibilidade dada aos Presidentes. E, mais do que quantificar e qualificar a visibilidade, a pesquisa buscou observar as camadas abaixo do que está emoldurado e envernizado, revelando a forma como gênero e política se articulam nas abordagens jornalísticas acerca de Dilma Rousseff e Cristina Kirchner.

Apesar dos obstáculos que a *Folha de S.Paulo* colocou no caminho de Dilma Rousseff e dos obstáculos colocados no caminho de Cristina Kirchner pelo *Clarín*, as duas Presidentas sul-americanas conseguiram avançar e romper temporariamente as barreiras da dominação masculina, tanto no espaço público quanto nas instituições políticas. Enfim, elas chegaram no lugar que nunca foi pensado para elas: Presidenta do Brasil e Presidenta da Argentina, e por duas vezes cada uma.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Amy C; BOLZENDAHL, Catherine e JALALZAI, Farida. **Measuring Women's Political Empowerment across the Globe: Strategies, Challenges and Future Research**. Cham: Palgrave MacMillan, 2017.

AMARAL, Adriana.; FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ARROYO, Lorena. As mulheres esquecidas pela história na América. Prudencia Ayala, a primeira mulher que tentou ser presidenta na América Latina. **El País**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2021-03-08/prudencia-ayala-a-primeira-mulher-que-tentou-ser-presidenta-na-america-latina.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas: Papirus, 1993.

BALLESTRIN, Luciana. Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis-

lis, v. 28, n. 3, p. e75304, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375304>. Acesso: 20 set 2021.

BARTHES, Roland. **El mensaje fotográfico**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1986 [1961]. p. 11-27.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio T. N. Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CLARÍN. Tapas. 2003, 2006, 2007, 2011, 2014 e 2015. **Clarín**, Buenos Aires, 2021. Disponível em: <https://tapas.clarin.com/tapa.html#19690621>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Criteria. **Qualitative Sociology**, v. 13, n. 1, 1990.

D'ÁVILA, Manuela (org.). **Sempre Foi Sobre Nós** – Relatos da violência política de gênero no Brasil. 1. ed. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta** – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Tradução do autor. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dimará, 2009.

FOLHA DE S. PAULO. Encontre sua edição. 1998, 2002, 2003, 2006, 2007, 2009, 2010, 2011, 2014, 2015, 2016. **Acervo Folha**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GONDIM, Linda M. P. **Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013**, Polis Revista Latinoamericana, 44 | 2016. Disponível: <http://journals.openedition.org/polis/11944>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 20 nov. 2021.

JINKINS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LUCA, Tânia Regina. **História Dos, Nos e Por Meio dos Periódicos**. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bessanezi (org.). São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153

LUXEMBURGO, Rosa. Senhoras e mulheres. Artigo publicado na Gazeta Ludowa, no 48, 16 de junho de 1904, p. 1. Tradução de Isabel Loureiro. **Fundação Rosa Luxemburgo**, 6 mar. 2020. Disponível em: <https://frl.rosalux.org.br/senhoras-e-mulheres/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MATOS, Marlise. Mulheres e a violência política sexista: desafios à consolidação da democracia. In: BIROLI, Flávia *et al.* (org.). **Mulheres, poder e ciência política**: debates e trajetórias. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 109-142.

MICHAELIS. Presidenta. In: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa [online]**. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/presidenta/>. Acesso em: 15 maio 2024.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio Convexo**: mulheres, política e mídia. São Paulo: Editoria Unesp, 2011.

MINH-HA, Trinh T. **Framer Framed**. Nova York: Routledge, 1992.

NARVAJA DE ARNOUX, Elvira. **Análisis del discurso**. 2. ed. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2006.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 9. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso** – Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2007a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do silêncio** – No movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso é possível? **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 44, p. 138-156, jul./dez. 2019.

QUESADA, Sáenz María. **Isabel Perón**. La Argentina en los años de María Estela Martínez. Buenos Aires: Planeta, 2003.

ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). **Vitrine e vitraço**: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo. Covilhã: Livros LabCom, 2010. p. 53-68.

ROUSSEFF, Dilma. A misoginia e a manipulação da mídia. In: D'ÁVILA, Manuela (org.). **Sempre Foi Sobre Nós** – Relatos da violência política de gênero no Brasil. 1. ed. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021. p. 48-63.

SANTOS, Adriana Silvestrini. **Presidentas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: enquadramentos de gênero e política nas imagens e manchetes nas capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín**. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Votos e partidos**: Almanaque de Dados Eleitorais. Brasil e outros países. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 297-303.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. **Cadernos Pagu**, 1994. [Texto original: **Gender**: A Useful Category of Historical Analysis. New York: Columbia University Press, 1989.]

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. [Coleção Teorias do Jornalismo] v. I.

VAN DIJK, Teun A. **La noticia como discurso** – Comprensión, estructura y producción de la información. Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1990.